

PAVIEL

1038



ÓRGÃO TEÓRICO DOS—
—JOVENS COMUNISTAS
PRESOS EM DENICHE

JULHO - 1936

"DAVEL"

GES
PCP

ANO 1 - Nº 3

MÁXIMO GORKI

"VOS QUECAÍSTES NA LUTA FINAL
AMIGO SINCERO DO POVO
POR ÊLE IMOLASTE A LIBERDADE
POR ÊLE FOI O TEU ÚLTIMO
ALENTO..."



A forma banal em que estava redigida a breve nota biográfica que acompanhava a notícia da morte do escritor soviético Maximo Gorki, publicada nas colunas da imprensa venal e reaccionária - não fossem os comunistas acusa-los, também, de ignorantes em matéria literária - nem de leve deixava transparecer verdadeiramente o que de irreparável é para o mundo a perda de tão fecundo e activo combatente da Revolução, nas fileiras da qual se manteve íntegro, sempre jovem, sempre ardente e cuja vida e acção, postas exclusivamente ao serviço da classe historicamente oprimida constitui



um forte ariete que directamente concorreu para a derrocada da Bastilha teocrática-capitalista.

A sua vigorosa personalidade de pensador engrandecida pela rara faculdade de observador da vida das camadas mais infimas do proletariado, em toda a sua impressionante realidade, era completada por um temperamento de militante "enraçado" das fileiras dos já numerosos exércitos de trabalhadores, em cujo fronte de luta Gorki se orgulhava de ser um combatente dos mais destemidos.

E como tal participava em todas as reuniões internacionais e congressos, cujos objectivos tivessem em vista combater ou anular quaisquer formas ou vestígios de tirania, tudo o que para a humanidade constituísse um flagelo, como sejam as guerras, provocadas pela sangrenta ambição dos potentados da banca e da indústria, por todos os exploradores em geral.

E assim tomou parte - ainda que somente por representação escrita, dada a proibição expressa do governo holandês, não o consentindo no seu território - no Congresso Contra a Guerra e o Fascismo, e para a presidência do qual foi eleito por

unanimidade de votos. Numa vibrante saudação ao Congresso lida pelo inolvidável escritor Henri Barbusse, Máximo fazia um apelo aos sentimentos generosos da mocidade de todo o mundo, incitando-a à guerra do extermínio àquelas duas potências do mal, alimentadas pelo ódio e egoísmo duns e mantidas pela cobarde e indiferença de muitos.

Interpretando o concerto de Revolução, na sua forma mais pura - erro em que infelizmente incorreram outros intelectuais desse tempo alguns não alheios ao Partido - e ainda que sinceramente considerasse a ascensão dos bolcheviques ao Poder como o desfecho natural e histórico da Revolução de Outubro de 1917, defendendo-os, portanto, dos ataques e calúnias da imprensa capitalista, Gorki, sempre coerente com os seus ideais, repassados dum sentimentalismo humanista, desolado, certamente com o carácter sangrento de que a luta se revertia, manteve, a princípio umas ligeiras discrepâncias com o Poder dos soviets, facilmente anuladas pela intensa amizade que



colava ao glorioso mestre e condutor seguro da Revolução Proletária — Vladimir Ilitch, Lenine.

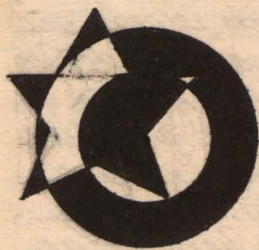
Algum tempo depois, quando já não existia o seu mais fiel amigo e camarada de lutar ante o assombroso esforço do proletariado russo na construção das gigantescas caboucos do socialismo, num meio dum coro de imprecacões e insultos provocado pelo ódio das potências capitalistas que, como matilha raiuosa esperava — como ainda espera — a menor indecisão ou o mais leve sinal de fraqueza para arremeter feroz, Máximo Gorki, que se mantinha alheado até aí dessa atíma fera de entusiasmo constitutivo, entusiasmo que o dominou completamente, transforma-se do escritor místico e sentimental que, com raro mérito nos descreveu, em estilo singelo, mas vibrante, recheado dum profundo e salutar humanismo, a trágica e propeia do povo russo comprimido pelas forças da tirania czarista, em foga ardente panfletário que soube flagelar toda a civilização burguesa que aventara miséria e na dor das amplas camadas produtoras no intelec-

cional, sincero que compreende e assimila os destinos históricos do proletariado, classe a que finalmente Gorki também pertencia pelo sangue e pelo espírito.

A sua adesão ao Partido Comunista da União Soviética, ao glorioso Partido forjado nos bomingtons Vermelhos de 1905 e nas lutas gloriosas de Outubro, constitui o regresso do filho pródigo ao seio da vasta família que luta pelo bem estar e pela felicidade de todos os povos, sem distincção de raça ou nacionalidade. Datam, de então as suas melhores produções literárias, absolutamente ignoradas no nosso país onde a luz do seu génio se projecta com mais intensidade e brilho engendrando o precioso tesouro intelectual, acumulado durante secular património contestado da humanidade.

Os jovens comunistas presos em Peniche, vítimas directas do terror fascista, terror que teve em Máximo um inimigo implacável, abatam, por momentos, as suas bandeiras de luta, ante a memória de tão intrepido lutador e expressem em Babel, um vivo sentimento de dor pela morte do camarada que tão profundamente lhe soube compreender os anseios e o sacrifício das suas liberdades.

Jovens de PORTUGAL: UNIVOS!



s prognósticos da fascização da mocidade portuguesa, depois dos múltiplos ensaios com o A.F.V. e outros agrupamentos mórbido-nacionalistas, deram ao Governo liquidacionista dos monopolistas e dos ricos em geral a certeza da sua impotência ao tentarem congregar no seu âmbito pré-militar, as diversas camadas (estudantil, operária e camponesa) da nossa geração; desta geração que, bem ao contrário tem de estar de vigília na defesa dos seus interesses ameaçados pela guerra, pela fome, pela incultura, pela promiscuidade dos bairros — cemitérios como o das "minhocas", do "Casal Ventoso", da "Curraleira" e tantos outros que o viajante observa pelo nosso país fora.

Nos liceus, nas oficinas, nos escritórios resultaram falidos os esforços da camarilha salarariana ao querer converter a juventude num ma-

neável e simples aparelho de choque, destinado à defesa dos bens da burguesia, e ameaçados na nossa terra e, mormente, nas colónias subordinadas ao imperialismo português. Sim, os senhores da banca, da grande indústria, os donos das roças, somente estes ganham riquezas com a guerra, porque nós, os trabalhadores, nada temos, nada possuímos, além do sangue para banharmos a terra, em proveito único dos que levam uma vida roubando-nos sem o menor escrúpulo.

Sabei a marada; não obstante o "desmentido" do "Diário de Notícias" e "Século" Portugal é um país fascista; Portugal é um país imperialista e... ao mesmo tempo, um país semicolonial, porquanto a maior riqueza, os maiores capitalistas, todas as grandes empresas são estrangeiras, principalmente inglesas. Não dizem Portugal como nação fascista, estes e semelhantes parquins, procuram confrontar as nossas instituições com as



de Itália, Alemanha, etc.. Mas, é que o fascismo, quanto ao fim, significa a mesma coisa: feudalizar a indústria e todas as fontes de actividade que floresçam na colectividade; agora, quanto ao meio a seguir, só pode ser em conformidade com as condições particulares de cada país. A Itália e a Alemanha estavam entre a Revolução e as velhas fórmulas de reforma socialista ou burguesa; por isso tinham uma mocidade encaminhada no sentido da Revolução, quer dizer, da emancipação proletária. Enquanto que Portugal não; nem tinha um partido operário forte (de quando o 28 de Maio), nem uma juventude à altura de se poder rebelar contra a tirania burguesa. E, se apenas nestes últimos anos, os novos fascistas vêm empregando inercialmente a fascização da juventude, é pela circunstância de, também nestes últimos tempos, seimar descontentamento e haver efervescência revolucionária no seio da mesma, quer seja no liceu ou na fábrica. Os objectivos da Fd. dos J. C. P. têm uma extensão e uma capacidade. Eis aqui, nas razões expostas, porque o Estado

Novo "carece urgentemente de organizar a jovem geração, retirando-a assim das perniciosas doutrinas do marxismo" (Século)

Compreendei, pois, qual a finalidade da "Mocidade Portuguesa" como organização oficial sob o controle e olhar directo dos timberios mercenários do país onde não há um único desempregado (Caeiro da Mata na Sociedade das Nações).

Os fascismos, Português, Italiano e Alemão mentem sempre; a base de toda a sua política é a mentira; a sua doutrina, a sua força reside na vasta rede de espiões que torturam e matam os jovens trabalhadores.

Mocidade Portuguesa!... o "Estado Novo" prepara a guerra; só nós que dela sofremos as consequências.

O fascismo português quer fazer-nos odiar os nossos irmãos espanhóis; porque eles se propõem emancipar da tutela burguesa.

Juventude escravizada: evita a guerra. Bani da nossa terra a celta negra - o fascismo - que nos avilta.

Teoria do Valor



quantidade de trabalho sobre qualquer forma, entregue pelo produtor é a sua parcela que, como participante ele fornece à sociedade; este trabalho individual chama-se "trabalho socialmente necessário" e o seu conjunto dá o número preciso de valores à sociedade.

Desta maneira, a unidade pela qual se compensa o produtor está necessariamente na sua superprodução. O uso ou aplicação de força de trabalho, produzem valor de troca e mesmo um valor de troca superior ao seu próprio. O industrial pode empregar a força de trabalho até que esta tenha produzido não somente o seu próprio valor de troca (valor dos géneros alimentícios), mas um valor de troca duas vezes mais considerável, (Capital Vol. III).

Isso é claro já por si; todavia, não acessível a todos; observemos:

Ná fábrica em que trabalhavam os faxiões três camisolas; o patrão pagava

pela matéria prima — lã — destinada a cada peça, cinco escudos, pela luz, energia eléctrica a fim de accionar as máquinas, desgaste de ferramentas; juros pelo capital empastado, contribuições e vários gastos, dez escudos (chama-se à esta parte de capital, constante ou passivo); falta apenas uma única despesa: o salário (capital variável ou activo) para o operário que produziu as três camisolas de lã, o patrão remunera com doze escudos diários; logo, portanto, o capital empastado para o fabrico das respectivas camisolas é de vinte e sete escudos; cada peça feita no mercado (valor de uso) o industrial faz valer de sete escudos. Temos assim produzidas três objectos que rendem trinta e três escudos ganhando o operário apenas um terço, doze escudos. Quer dizer o operário emprega a sua força de trabalho três vezes para ao cabo retirar uma terça parte, parte esta, doze escudos, que mal chega para a reprodução do esforço empregado durante o dia. Contudo, sem nada produzir, o patrão recebe pela actividade de cada uma

CEP
POP

lariado, respectivamente, nove
escudos, com trabalhadores ocu-
pados na produção de camise-
tas, e completando três diári-
amente, fazem entrar, sem outras
despesas, 900 \$ por dia, no bolso
do patrão; a esta relação entre
patrão e operário, isto é, à ex-
ploração movida pelo primeiro
contra o segundo, faz criar
um lucro ao qual Marx cha-
mou mais-valia, ou seja,
uma quantidade de horas
de trabalho não pagas, as
quais, acumuladas, engen-
dram o capital. Este subirá
sempre mais, quanto as rela-
ções de produção cambiarem
no seio da mesma produção.

Outro tanto se não dá na
sociedade socialista; aqui, a
moeda pela qual compen-
samos o produtor é ou es-
tá na sua própria produção
— o trabalho. Em linguagem
mais viável: António produ-
ziu um par de sapatos e
por eles receberá, como ve-
lor de troca, uma peça de
fazenda. Ve-se, por isto, não
haver, além do trabalho, senão
trabalho. |

Há a notar que uma parte do
trabalho não é recebida, mas sim
se destina aos fundos sociais;
é que qualquer objecto contém sem-
pre dois valores, o de uso e o de
troca; o operário apenas recebe pelo

valor entregue, outro semelhante em
quantidade, não levando uma
parte, parte esta que está en-
globada no seu valor de troca.
Explicando melhor; a colecti-
vidade no estádio inicial, dá,
segundo o trabalho produzido, não
olhando ao tempo que ocupou
o operário na sua confecção, e é
neste tempo dispendido pelo operário,
onde encontra o valor acrescentado
à mercadoria não recebida pelo
produtor. Embora na forma isto
pareça um absurdo, tal não é; no
conjunto da produtividade acha-se,
no total, um número de valores não
pagos que, como vimos em regi-
me capitalista, formam o capital,
mas que nas relações de traba-
lho do proletariado são endere-
çados por outra forma — fundos
sociais — à mesma colectivi-
dade. É neste período que a
máxima de cada um segundo
as suas possibilidades é a cada
um segundo o trabalho produ-
zido, "tem existência". Somente
quando a produtividade de-
jorra aos brobotoes, ali será
mantido o principio comu-
nista: de cada um segundo as
suas possibilidades, e a cada qual
segundo as suas necessidades"
(Marx, O Capital, Vol. III).

Finalmente a teoria do
valor, de Marx, se podem esolar
produtores e não produtores.
Decerto que, produtor, não é



qualquer individuo por mais
 que seja o seu dispêndio físico.
 Todo se trabalhar — e muito —
 sem contudo, no final, esse es-
 forço reverter sob qualquer for-
 ma, como benéfico à sociedade.
 O abade ao fundar um dia
 de missa, poderá encontrar-se
 exausto sem que, contudo, tenha
 produzido algo ou ter mesmo
 proporcionado qualquer pra-
 zer espiritual aos trabalhadores.
 Como este, tantos exemplos
 poderíamos suscitar; assim,
 o burguês que vara de man-
 nhã em passeio de automó-
 vel deve de regressar completa-
 mente machado da viagem sem

contudo ter dado nada à socie-
 dade; contrariamente o "chouffeur"
 que transporte duma mina pa-
 ra a fábrica determinado car-
 regamento de minério, não produzi-
 do, tomou parte activa na produção
 sendo por isso considerado tão social-
 mente necessário à colectividade como
 o fundador de metais ou o pedreiro. Verifica-
 re, por esta doutrina, lueiro, a camada da
 social que não estão occupadas no proces-
 sur de produção, no transporte de mercadorias
 ou serviços sociais úteis (educação, admini-
 tração, pesquisas scientificas, etc.) vivem uma
 vida parasitária e não vivem senão da meir-
 colia que a classe capitalista tira do
 proletariado e da qual se apropria
 em retribuição ("Capital", Vol III)

a grande indústria



depois do criado o
 mercado, prepara-
 do com o desco-
 brimento da Amé-
 rica, a grande bur-
 guesia, o capita-
 lis mo industrial
 e financeiro, lança-se, cada vez
 mais, na conquista da máquina,
 tendo em vista a diminuição
 progressiva do tempo de traba-
 lho indispensável à fabricação
 de tal e tal produto. O desenvol-
 vimento da indústria exigia
 o desdobramento dos meios de

comunicação e transporte. Para
 a construção desses meios viu-se
 forçada a grande indústria
 a recorrer ao seu meio típico
 de produção — ao maquinis-
 mo — capaz de construir novas
 e mais poderosas máquinas.
 Criou, assim, uma base técnica
 em conformidade com a sua
 essência expansionista.

A medida que a industrializa-
 ção ia avançando, e, conse-
 quentemente, a força muscular
 tornando-se cada vez menos
 necessária, iam tomando o





lugar na fábrica — sem substituição dos operários — às crianças e às mulheres. Estas faziam o mesmo que os outros, mas, em troca, recebiam menos.

Era esta a fórmula procurada pelos soberanos do dinheiro — cada vez mais trabalho, cada vez menos salários.

O capitalista pouco interessa que mulheres e crianças morram tubercularas pelo trabalho insano, exaustante, a que as obriga. Mas o capitalista não se limita a exigir de mulheres e crianças o que antes lhe era fornecido a um preço mais elevado, pelos operários, se não que lhes aumenta incessantemente a jornada de trabalho. A sua sede de produtor não conhece limites. As suas máquinas não podem parar.

Ele necessita sacar delas, num prazo mínimo, o máximo de rendimento.

A exploração infantil e feminina reveste-se, cada vez mais, dum forma oficial e indispensável ao florescimento da sociedade.

Os países de indústria recente adoptavam, logo de início, este sistema de exploração. E que eles viam-se forçados a concorrer com os demais países, em condições técnicas, diferen-

tes, devianta, para os iniciados. Essa desvantagem técnica foi perfeitamente superada pelo emprego, em larga escala, principal parte das crianças.

O Japão e a China constroem fábricas com alojamentos destinados ao pessoal dessa mesma fábrica. Eles vão ao encontro da mais legítima aspiração da juventude, para, mais facilmente a manietarem e lhe sugarem seu sangue juvenil. Todo o jovem, quando chega aos dezoito anos deseja ardentemente arranjar uma companheira. Todavia, como não sabemos isto lhe está completamente cerceado. No Japão e na China o jovem pode, se está empregado, obter uma companheira. A sua pseudovida está assegurada adentro das formidáveis "ilhas industriais". O que aí ganham chega-lhes para um prato de arroz e cada refeição. No resto, é difícil pensar, perto que muitas vezes veem saem das suas casas. De resto, o capitalista tem essa preocupação — e de que não saiam — combinando o horário de trabalho em turnos que se sucedem de tantas em tantas horas. Nestas condições o jovem não tem tempo



de se lembrar da sua miserável situação. Não se lembra do cinema, do sport, do teatro, porquanto lhes é completamente impossível realizar qualquer destas diversões.

Pelas conclusões a que chegou uma comissão estrangeira, encarregada de inquirir à cerca da exploração desenfreada, exercida contra as crianças chinesas empregadas na indústria, poderemos calcular o grau de exploração a que está submetida a juventude dos 7 aos 14 anos. Esta comissão, evidentemente que buguera, e, por consequência, influenciada directamente pelo capitalismo industrial chinês, depois de visitarem várias fábricas, resolveu apresentar a seguinte recomendação:

- 1.º - Proibição do trabalho para os menores de 10 anos (!);
- 2.º - As crianças não devem trabalhar mais de 12 horas (!);
- 3.º - Descanso de 14 em 14 dias para os menores de 14 anos.

Como estes são dos números que falam, deixamos à imaginação do leitor a descrição do que será este paraíso.

Este desvio incessante dos operários no acto da produção, origina o crescimento rápido do exército industrial de reserva permanente. Este exército cujas efectivos são in-

talivelmente aumentados todas as horas, todos os dias, por uma lei natural da grande indústria — a lei da concorrência — é o termómetro oficial dos países capitalistas. E por seu intermédio que se pautam os resultados de tal política.

Roosevelt grita a diminuição dos desempregados na América alegando ser a sua política a única capaz de levar os Estados Unidos à completa libertação de tão terrível mal social. Na Alemanha, Hitler manda imprimir grandes cartazes, anunciando a retumbante vitória fascista.

Na velha Albion os homens de Estado acham-se alarmados com o aparecimento da destruidora peste que julgavam demoradamente pequena para transportar os largos furos da sua poderosa fortaleza oceânica.

Mas a peste não conhece fronteiras; entra em todo o lado. É o fruto do desempolvemento capitalista. É o resultado desastroso do "dumping". É o resultado da "infernal" maquinaria aperfeiçoando-se dia a dia. É o resultado da luta pela hegemonia económica na escala internacional, atenuada pela escassez



do post-guerra. E o deslabroça por todo o mundo capitalista, dos males engendrados pela sua maior contra-dição — fabricam-se milhões de degêneros para se queimarem ou a podre.

... e, à falta de vermes nos produtores morrem milhões de esfomeados. Mas, grande indústria não é sindicato de fome e de calabouço. A sua missão social é que está deslocada.



DITADURA DO PROLETARIADO

Sempre que falamos em movimento operário, proclamamos, em princípio, a necessidade da Ditadura Proletária, e as suas consequentes formas revolucionárias de actuação. Há, porém, circunstâncias omitidas e bastante capitais que, por as não conhecermos bem, faz com que osifiquemos a conversa em prejuízo do Marxismo e em proveito único do antagonismo (especialmente quando ele é anarquista ou socialista).

Não é só pela falta dos argumentos; na maior parte dos casos, eles não escasseiam simplesmente chocando os aar do contendor, resultam impotentes, tanto mais, quando não tem por base princípios históricos sem facilidade de contestação.

Se falarmos na história da burguesia, verificamos sempre que, o Estado da sua protecção e segurança, não é senão uma forma de ditadura, ainda se bem que "encoberta" por meios parlamentares, no maior âmbito democrático. Nem mesmo podia ser doutra forma; caso contrário teria mor de constituir queo Estado burguês não é expressão viva dos interesses da mesma classe. E, é tanto mais verosímil, se como é óbvio não esquecermos o que se de prende, e que realmente é o Estado. Ora, sendo o Estado "a expressão política de toda a classe dominante" (Engels) necessariamente administra e guarda os bens da camada social que representa. Evidentemente não duvidaremos aqui a questão de equilíbrio declar-se. Quando no Estado se acham figurados os delegados das



clases existentes, certamente este Estado estará colocado acima da sociedade como zelador de facto, dos interesses do povo. Isto, entretanto, só podemos observar nos países onde a democracia se estende às vastas camadas da população e procure nelas a razão da sua, então, imprescindível — um regime de classes — existência. Nos países cujas Frentes Populares, sejam a consequência directa da vontade popular este equilíbrio pode resistir-se, e a máquina governamental cumprirá a sua missão tendente a favorecer os desejos do país, mas muito longe, todavia, de lhe proporcionar uma vida perene de felicidade; é que a despeito deste equilíbrio continuam a haver exploradores e explorados, propriedade privada e, por isso mesmo, predomínio económico. O que se não pode constatar é a grande exploração intensiva e de maneira tão descarada. Ao mesmo tempo o proletariado goza de maiores direitos políticos, o que lhe trás inúmeras vantagens para a sua emancipação.

Reatemos a nossa exposição e continuaremos ao caso em que o Estado, como aparelho de repressão, apenas oculta,

em si, o ódio concentrado da classe dominante. Hoje, pois, a democracia está exclusivamente ao serviço da burguesia em detrimento da pequena burguesia, do proletariado e desta forma, à disposição do capitalismo. "É que a democracia não faz mais do que colocar vis-à-vis e num nível de desenvolvimento sempre crescente, proletariado e burguesia" (Engels). O principal para nós, é que democracia não existe e, portanto, em função normal o Estado burguês é uma ditadura desta classe, exercida contra o proletariado. (Veja-se em que condições as huestes mercenárias da democracia belga, inglesa, francesa, Americana, etc., se têm portado com o operariado no momento em que este reclama, unido, os seus direitos como produtor.

Como nos não podemos estender, tratemos agora de justificar o papel da Ditadura do Proletariado. Na correspondência trocada entre Marx e Engels a propósito da comuna, Marx realçava a pouca energia com que os vitoriosos combatentes de Paris pretendiam afirmar-se na continuidade da Revolução. Eis porque a sua luta redundou



na derrota. A ditadura da classe operária já mais pode repouar na forma democrática; isto é, a faculdade da contra-revolução. Para uma classe, como a proletária, lutar e vencer tem de se apoiar sobre si própria e constituída de tal forma que inspire respeito à classe de posta. Marx considerou-se o primeiro a apresentar a idéia da constituição do proletariado como classe dominante, debaixo duma forma revolucionária, na qual não só participem

os camponeses e operários, como soldados e marinheiros e, simplesmente por isto, é que tomar a dianteira no movimento insurreccional e retirar a burguesia do Poder, não significa vencê-la; para a destruir, como classe dominante, é necessário expropriar-lhe todos os meios de produção, tais como: instrumentos agrícolas, terras, transportes e comunicações, expropriar e monopolizar os Bancos, etc.: Apenas assim é que se derrubará a burguesia como classe. Não basta retirá-la do Poder, só os reformistas da II Internacional, creem possível o socialismo por meios pacíficos e legais; mas nós, comunistas, sabemos ser antes, imprescindível, uma completa modificação, por meios violentos, até que, como classe política, e economicamente dominante, o proletariado, poderá não só manter a vitória, como caminhar na senda do socialismo.

Quadro

de
HONRA

Dedicado aos que trabalharam incansavelmente, na confecção do "PAVEL" num prazo de 3 dias. A memória de Máximo Gorki os estimulou no trabalho no trabalho presente. Lembra-se que o grande Gorki não se poupou a esforços para a Revolução e assim procuraram imitá-lo.

Plá F.J.C.P.! pela
memória de Máximo Gorki!

- Raul Zeca,
Mário, Miguel,
Gonçalves, Antunes,
Artur, Victor, Gorki.

Surgirá, então, uma nova época, de verdadeira felicidade humana. A História será, desde esse momento, a História duma era nova.

Cumprido o seu papel histórico, a Ditadura do Proletariado deixará de existir; este desaparecimento é sinal duma nova fase, dum novo estágio social: o Comunismo.

a mocidade portuguesa



GES
PCP

face sabido que o fascismo, apoiando-se nas armas, é forçado a criar os homens que as hão de manejar e para o fazer não olha a meios. Serve-se da escola, do club, da fábrica, etc. para levar a bom fim os seus desígnios. É principalmente a juventude que sofre as conseqüências dessa política, já porque é fonte de mais energia, já porque mais facilmente se aclimata às teorias patrioteiras dos dirigentes fascistas. As juventudes hitlerianas alemãs, a Heimwehren austríaca, e os "Balilas" italianos, não são mais do que a materialização de tal política. Portugal não poderia de forma alguma fugir à regra. Foi por esse motivo que apareceu a A.F.V., organização que se baseava na juventude escolar. Porém, breve e impro-

visuo foi a sua existência. A juventude portuguesa não se deixou levar pelas teorias chauvinistas de Salazar. Apenas uma infima parte da mocidade escolar foi arrastada; em face do fracasso, novas directivas começaram a ser engendradas nos gabinetes governamentais. Um jornal de há dias deu-nos a notícia da formação de novo organismo, cujo nome é "Mocidade Portuguesa". O ingresso neste organismo é obrigatório para a juventude escolar. O seu programa não deixa dúvidas quanto ao espírito que o dirige: "a devoção à Pátria", o gosto pela disciplina e do culto do dever militar," eis a triologia que vai orientar o espírito de mais de duxentos mil jovens. O fascismo português

mostra assim o desejo ardente de preparar a juventude no espírito militarista para na hora propícia a lançar na carnificina de há muito vem preparando. A juventude que milita no anti-fascismo, cabe agora, demarcar os

planos do "Ministerio da Educação Nacional," trabalho árduo em virtude da sua ampliação, o que consiste no agrupamento de todas as forças juvenis numa ampla frente única de luta.

LUTAS DE HOJE



Ed. das Juventudes, já não é o grupo de mosas ousador e aptos para cumprir as disposições, cuja a-pelar-dizq não residiam em si próprias; os hinos à ira não condizem, nem mesmo satisfazem neste momento, à grande maioria dos jovens portugueses; seria continuar, movendo um automóvel, insistindo em lhe aplicar água em vez de carburante. Com certeza que, falando e imprimindo princípios e tácticas opostas aos anseios daqueles a quem directamente cabe modificar a sua permanência num ambiente irreconciliável e extraño, se não poderá continuar mantendo, seja a que pretexto for e donde venha.

A arma com que venceremos a reacção, é, ou está, na própria juventude. Mas não numa parte (vanguarda) dessa mesma juventude. Nada disso; passaram de moda as for mltas de sub-divisão do Partido, ou ainda, o que significa o mesmo de "secção juvenil do Partido." Tudo isto é o resumo das velhas tácticas e métodos de luta da juventude pela secundação de semelhantes tácticas por parte do Partido.

O caso mudou de figura; ante o professor quemente, deturpando tal ou qual acontecimento histórico, filosófico ou económico, tem de se achar o aluno apto a emendar, a ampliar, a ensinar, sendo preciso. É que, para vencermos, temos de estar a altura dum amplo conhecimento teórico, para assim, oferecermos resistência ao fascismo em



busteiro, de convivência, com a mais embastrela e com vinte Igreja. Embora dum modo geral possamos constituir elementos neste sentido, isso representa já um esforço para a saída do obscurantismo forçado e, portanto, conduzir ao caminho da instrução e do conhecimento científico. A nossa juventude tem de acompanhar o seu ímpeto revolucionário, marchando pela conquista das ciências positivistas. Tem de ser intelectual ao mesmo tempo que revolucionária. Será nos Grêmios culturais, na própria Fed., na parte oficializada que conserve ainda uns resíduos necessários, seja, não importa; o País nós queremos uma vida alegre e cheia de perpetua felicidade? Então temos de começar por aprender, porque desta forma, é iniciar a vitória com duplo fim: aprender a saber e a saber ganhar depois, sómente depois de ter aprendido.

Os prelos de Salazar deixam no papel os caracteres que vão servir ao empobrecimento dos nossos pais, dos nossos irmãos de classe e principalmente desta mocidade

quem Carneiro Pacheco anuncia fazer voltar, ao espírito da Igreja, do cristianismo, como civilização.

Ofuscar memórias para roubar filhos e tornar dóceis os pais. Prender os jovens revolucionários a pretexto de serem contra a Pátria; isto é mais ainda, porque não temos uma juventude educada na luta de classes, uma mocidade à altura de poder assimilar o seu próprio momento histórico.

A juventude está entre a espada e a parede; ou se liberta e assim alcançará formas superiores de existência e, assim, continuará a ser juventude, ou perecerá na onda revolta e sangrenta da guerra, da fome e da peste.

Necessitamos de qualquer coisa... qualquer coisa que nos faz falta... outra maneira de encarar a vida, outra orientação... alguma coisa de novo... porque nós mesmos também somos alguma coisa nova na vida

Máximo Gorki

